o fim da crise

por Heinar Maracy

Há uma luz no fim do túnel. E não é um trem!
Nos últimos dois anos, a Apple comeu o pão que o diabo amassou. Vendas em queda, prejuízos consecutivos, uma linha de produtos confusa, desenvolvedores de software abandonando o mercado, usuários descontentes. Mas o pior de tudo era a perda do que os publicitários costumam chamar de "mind share": o conceito que o público em geral tinha da Apple estava se deteriorando. De um computador caro, mas melhor que os outros, o Mac passou a ser encarado como mais um beco sem saída da informática, vencido pela hegemonia do Windows.
Do "New York Times" à "Wired", todas as publicações, especializadas ou não, tiveram a chance de fazer algum artigo sobre o fim da Apple. Mas, como disse um célebre escritor norte-americano, as notícias sobre sua morte foram um tanto exageradas. Desde o final do ano passado, a Apple vem recuperando seu prestígio e mudando a imagem que o público em geral tem da empresa e de seus produtos. Depois de dar lucro em seu primeiro trimestre fiscal, a Apple se prepara para apresentar um lucro semelhante no segundo, tradicionalmente seu período mais fraco. O Mac agora é o computador "duas vezes mais rápido que o Pentium" e recobrou sua aura de "máquina certa para o trabalho certo". E o melhor de tudo, está mais barato que a concorrência.

Isso não quer dizer que tudo está lindo e maravilhoso e que a Apple tem um caminho brilhante pela frente. Longe disso, a fatia de mercado da empresa se reduziu e a competição por nichos importantes como editoração eletrônica, desktop video e a área educacional está mais acirrada do que nunca.
Mas o cenário está favorável.
Os Macs G3 estão vendendo como nunca. O QuickTime, uma tecnologia decisiva para a Apple fincar de vez seu pé na área criativa digital, está sendo bem aceito. E a Apple tem boas cartas escondidas na manga. Grandes lançamentos deverão ser feitos este ano, tanto em hardware como em software. Depois de muito tempo sem rumo, parece que finalmente a empresa tem um objetivo a seguir e sabe como atingi-lo.
Vamos dar uma olhada nos últimos lançamentos da Apple, ver o que está programado para o futuro próximo e olhar na bola de cristal para tentar adivinhar os segredos que se escondem por trás das paredes em Cupertino.

G3 de 400 MHz, monitor de LCD e novos produtos agitam o mercado

Apple na Seybold

De olho no mercado de DTP

A Seybold Publishing, a feira mais famosa de Nova York, que une fornecedores e profissionais de editoração eletrônica e tratamento de imagens, foi um espetáculo grandioso para os macmaníacos do mundo inteiro. Banners enormes da Apple, com seus personagens famosos históricos em preto e branco e a frase "Think Different" decoravam vários edifícios em Manhattan.

A estrela da feira foi a presença da Apple e de seu CEO interino, Steve Jobs. A Apple ocupou mais espaço que qualquer outra empresa e colocou-se no ponto mais estratégico da feira: a entrada principal da área de exposição.

Como esperado, Steve Jobs deu seu show habitual, catequizando os participantes e mostrando que a Apple está "Pensando Diferente".

Além da Apple, todas as principais grifes da indústria gráfica estavam presentes, incluindo Agfa, Adobe, Macromedia, Heidelberg, Linotype-Hell etc. Todos os fabricantes de hardware e desenvolvedores de software, high-end ou mesmo low-end, tinham em comum o pré-requisito de ter produtos compatíveis com o Mac. Mesmo nas poucas empresas fabricantes de PCs – como no stand da Intergraph com sua solução Extreme Z , baseada em máquinas Intel multiprocessadas rodando Windows NT e aplicativos Adobe *(ver Tid Bits desta edição)* – a necessidade destes poderem se comunicar e trabalhar com o Mac era clara.

Novos G3

Para começar, Jobs colocou um Pentium II de 333 MHz da Compaq para correr, rodando filtros de Photoshop, contra um novíssimo Mac G3 de 300 MHz e um protótipo de 400 MHz. Nem precisa dizer que o Pentium perdeu de lavada.

Outro exemplo da "Nova Apple": ao anunciar o novo modelo G3 high-end, Jobs fez questão de frisar que ele estava imediatamente disponível para compra no site da empresa.

Jobs finalizou sua apresentação dizendo que "há uma necessidade para equipamentos de maior velocidade, pois isso significa menos horas de trabalho em um dia". Quando um dos participantes perguntou sobre o avanço dos PCs com NT sobre o mercado gráfico, ele respondeu: "Estamos na América. Este é um país livre. Você quer comprar um Pentium com NT, compre. Mas você vai passar menos tempo com sua família."

Outro lançamento da feira foi a placa Firewire da Apple para captura de vídeo digital, que será lançada em abril, em bundle com plug-ins para o Adobe Premiere. O preço nos EUA é de US$ 299.

ColorSync para Windows

Depois do QuickTime, a Apple deverá transformar o ColorSync em um padrão multiplataforma para gerenciamento de cores. O ColorSync 2.5, que já está disponível para download na Internet (www.apple.com/colorsync), traz novas características, como:

- **Suporte a AppleScript –** Permite automatizar tarefas repetitivas associadas ao gerenciamento de cores.
- **Arquitetura para calibração de monitores –** Baseada em plug-ins, ela permite a fabricantes desenvolverem seus próprios programas de calibração de monitores reconhecíveis pelo painel de controle Monitors & Sound. A Apple também fornece uma ferramenta para calibração de monitor, que permite ao usuário produzir o perfil ColorSync do monitor.

O Apple Studio Display não pode ser considerado um substituto direto dos monitores convencionais pesadões, mas já é um passo firme nessa direção

G3 a 300 MHz

Os novos G3 vêm em duas configurações, ambas no formato minitorre. Sua grande novidade é o backside cache de 1Mb, enquanto os modelos atuais só tem 512 k (não-expansíveis). Outras características de alto desempenho (como discos SCSI Ultra Wide e aceleracão de vídeo) tornam os novos modelos uma opção mais apropriada para o uso profissional, fazendo com que ele seja em média 50% mais rápido que o G3/266 MHz em aplicações de uso intensivo de disco. Entretanto, os novos G3 começam a mostrar as limitações da motherboard Gossamer. Para transformar a placa dos G3 em um sistema high-end, a Apple optou por adicionar três placas PCI (uma Atto Ultra Wide SCSI, uma placa de aceleração de vídeo e uma Ethernet 100baseT), comprometendo a expansibilidade dos novos modelos.

Chip	G3/300 MHz
Cache L2	1 Mb
RAM (mín./máx.)	128 Mb/384 Mb (3 slots)
SGRAM (memória de vídeo)	6 Mb*
HD (Ultra Wide SCSI)	4 Gb (1 ou 2)
CD-ROM	24x
Slots	3 PCI
Portas	Ethernet**, ADB, duas seriais, entrada e saída de áudio
Zip Drive	Não
Resolução de vídeo	Milhões de cores em 1024 por 768 pixels
Modem	Não
Preço	US$ 3.359/US$ 4.899

* O modelo mais caro vem com placa de aceleração gráfica de alta resolução (128 bits) e 8 Mb de VRAM com capacidade para um segundo monitor. **Placa 100baseT no modelo mais caro.

• **Novos utilitários** – O novo ColorSync vem com o Color Matching Module (CMM) da Kodak, ColorSync Photoshop Plug-ins 2.0, Press Profiles e uma amostra do ColorSync AppleScripts para facilitar a automação de tarefas.
Jobs também falou sobre os planos da Apple para tornar a tecnologia multiplataforma entre 1998 e 99. As versões futuras do ColorSync serão disponíveis para Mac OS e Windows.

Apple Studio Display

Outro lançamento que deixou os participantes da Seybold de queixo caído foi o Apple Studio Display de 15,1 polegadas, a primeira incursão da Apple dentro do novíssimo mercado de monitores de mesa com tela plana de cristal líquido, leves e de baixo consumo.
O Apple Studio Display usa uma tela TFT com matriz ativa. Segundo Jobs, ele é duas vezes mais brilhante que qualquer outro monitor com a mesma tecnologia, fato que é corroborado pela Genesis, empresa que desenvolveu o chip embutido no monitor.
Custando US$ 1.999, ele também é o monitor de tela plana mais barato do mercado. Outras características incluem uma resolução ajustável de 640 a 480 pixels a 1.024 a 768 pixels e entrada para vídeo NTSC (americano), PAL (europeu, japonês e brasileiro) e SECAM (francês).
Corre o boato de que a Apple está planejando uma nova geração para suceder o atual monitor LCD. A nova versão do monitor de tela plana teria 20 polegadas e tela LCD com resolução de 1.280 x 960.
O novo monitor também terá outro design, já que Jobs não gostou da base do Studio Display.
A única notícia ruim é que a versão revisada do monitor só deverá ser lançada no ano que vem, pois a Apple estaria esperando baixarem os preços da tela LCD. Hoje o Studio Display de 20 polegadas poderia custar de US$ 2.500 a US$ 3.500.

Power Mac de 400 MHz

A maior surpresa ficou por conta da apresentação de um protótipo do Power Mac G4, rodando a 400 MHz. É o primeiro microcomputador a utilizar um processador com a nova tecnologia de chip de cobre desenvolvida pela IBM.
Segundo Jobs, o Power Mac G4 de 400 MHz, que deverá ser lançado no início de 99, equivaleria a um Pentium II de 800 MHz! "Isso se algum dia esse Pentium for fabricado", arrematou.

Apple na NAB

Jobs sugere o QuickTime como padrão para a TV digital

Mal saiu de uma feira, Jobs já entrou em outra. A feira da NAB (National Association of Broadcasters) é o principal evento mundial do mercado de vídeo. As últimas edições foram marcadas pelo avanço agressivo do Windows NT sobre o mercado de vídeo digital, que nasceu no Mac. Este ano, quem foi o orador da abertura da NAB? O velho e bom Steve, o evangelista.
O tema deste ano era Digital TV, a transmissão, recepção e gravação digital de sinais de TV, utilizando tecnologias como TV de alta definição (HDTV) e o DVD como substituto dos atuais videocassetes. Jobs apresentou o QuickTime como a solução "para a torre de Babel que são os formatos de vídeo digital hoje em dia".
Ele aproveitou para dar uma estocada na Microsoft, que, em conjunto com Adobe, Intel, Avid e outras empresas, também pretende estabelecer um padrão para vídeo digital, o AAF (Advanced Authoring Format). "Para que esperar um padrão que hoje só existe no papel, se já temos um formato testado e aprovado, o QuickTime", disse ele.
Segundo a Microsoft, "o formato QuickTime é amplamente utilizado em criação de conteúdo, mas não é adequado para troca de arquivos entre plataformas". A briga parece que vai ser feia.
A principal novidade da feira foi a grande presença da Apple em todo lugar: sacolas, centro de informações, propaganda etc. O único problema é que, no lugar mais importante, nos stands dos fabricantes, ela está diminuindo. Muitas companhias estão começando a desenvolver seus produtos para NT. O mais marcante foram o Commotion, o Media100 e um novo sistema da Avid só para NT. Muita gente reclamou também dos novos Power Macs G3 só terem três slots.

As sete ações decisivas de Jobs

Polêmico, carismático, autoritário. Em pouco mais de seis meses, Steve Jobs fez a Apple dar uma volta de 180 graus em sua estratégia. Muitas de suas ações revoltaram usuários e ele chegou a ser acusado de estar querendo acabar com o Macintosh. Mas o fato é que, no final, a Apple acabou dando lucro e saiu da crise. Tanto que a pressão para que ele se torne o Chief Executive Officer (CEO) da empresa aumentou bastante. Veja aqui a trajetória de Jobs, o Não-CEO.

1 Fim dos clones

Foi uma das decisões mais polêmicas de Steve Jobs, que desagradou profundamente os usuários que haviam investido em máquinas da Motorola, Power Computing e DayStar, além de estremecer as relações da Apple com a primeira das três empresas e determinar a saída das outras duas do mercado de Mac.

Mas no final das contas, se a política de licenciamento tivesse continuado, provavelmente a Apple não teria apresentado o lucro que teve nos últimos meses e já teria sido vendida no mercado a preço de banana.

Corre o boato de que, quando a empresa voltar à estabilidade e tiver completado seu projeto de convergência do Mac OS, lá por meados de 1999, ela volte a licenciar o Mac OS.

2 Enxugamento da máquina

A Apple, que já havia sofrido inúmeras reestruturações e cortes, entrou em regime de economia de guerra sob Jobs. Tudo foi feito para adequar os gastos da empresa às vendas menores.

Em contrapartida, a linha de produção foi racionalizada (hoje a Apple fabrica apenas uma motherboard, a dos Macs G3) e a empresa passou a vender diretamente ao consumidor, através de seu site. A verdade é que muitas dessas medidas foram decisões de Gil Amelio, mas foi Jobs que acabou levando a fama.

A Apple prepara agora um site para venda direta ao mercado educacional americano.

3 Revitalização do Mac OS

Nos tempos de Amelio, o Mac OS era o principal problema da Apple. Um sistema operacional velho, instável e que ficava aquém da concorrência, sem importantes características modernas como multitarefa preemptiva e memória protegida. Tanto que Amelio decidiu pagar US$ 400 milhões pelo NextStep para transformá-lo no Rhapsody, o sucessor do Mac OS.

Hoje a situação se inverteu, e o próprio pessoal da Next que tomou o poder na Apple decidiu concentrar seus esforços de desenvolvimento na revitalização do Mac OS. O Rhapsody, pelo menos até o momento, ficou em segundo plano.

4 Aliança com a Microsoft

Esse é outro ponto polêmico, onde ainda não se ouviu cair o outro sapato. Até agora, a tal aliança Apple-MS resultou em muito marketing, um Office decente, programas da Microsoft incluídos no Mac OS e uma unificação das máquinas Java. Ainda se esperam surpresas a respeito para este ano. Os boatos vão desde um Windows 98 para PowerPC até um Rhapsody embutido no NT. O jeito é esperar para ver no que dá.

5 Fim do Newton

"Aquele treco de rabiscar" era a maneira como Jobs (antes de voltar à Apple) se referia ao Newton. Anos e anos de desenvolvimento foram jogados no lixo com uma só penada. Usuários de Newton de todo o mundo urraram de raiva.

A resposta? "Esperem até o ano que vem, quando teremos um produto muito melhor." Enquanto isso, os Pilots e Windows CE da vida vão comendo o mercado de PDAs, criado pelo Newton. Estratégia arriscada? Mas esse é Steve Jobs, um cara que gosta de mandar perigosamente.

6 Fim da Claris

Enquanto a Apple estava no prejuízo, a Claris, sua subsidiária de software, apresentava um dos maiores lucros de sua história, graças em parte ao sucesso do Mac OS 8. Jobs percebeu isso e, prevendo que os próximos sistemas vão ser sucessos ainda maiores, resolveu trazer os lucros do Mac OS de volta à empresa-mãe.

De quebra, acabou com ClarisWorks Organizer e Emailer, entre outros produtos deficitários da Claris, que virou FileMaker Inc.

7 A volta do marketing

"Pense Diferente", Apple descascando a Intel, presença marcante em eventos importantes de seu nicho de mercado, evangelismo. Jobs não só fez as propagandas da Apple voltarem aos bons tempos como partiu para o ataque, fazendo a empresa acontecer na mídia. A aura de mistério e expectativa ao redor do próximo "aparelho antigravitacional" da Apple é algo indescritível. Comenta-se que é o próprio Jobs que bola alguns boatos que de vez em quando surgem na mídia.

O Mac "Dentão"

Apple prepara brinquedos maravilhosos

Em toda essa nova estratégia da Apple, uma lacuna salta aos olhos. Hoje não existe um Mac barato capaz de disputar o mercado de PCs abaixo de US$ 1 mil, o setor de informática que mais cresce nos EUA. Isso, no entanto, não deve ficar assim por muito tempo.
Uma prova disso é o lançamento do Artemis, ou Power Mac G3 AIO (All-in-One ou Tudo-em-Um), modelo que até agora só é vendido exclusivamente no canal educacional americano.
É um modelo monobloco com a aparência de um molar gigante, bem diferente do último equipamento do gênero, o Performa 5215. O G3 AIO tem chip de 233 MHz (US$ 1.499) ou 266 MHz (US$ 1.999), 32 Mb de RAM, 2 Gb de HD, CD-ROM de 24x e drive Zip da Iomega embutido. Ele tem também três slots PCI de 7 polegadas, uma placa de personalidade AV (atualmente disponível nas configurações do Power Macintosh G3 minitorre), alto-falantes estéreo e portas de modem e Ethernet 10baseT. Tá na cara que esse modelo deve ser lançado para o mercado doméstico no meio do ano. Com todo esse conjunto de opções e pelo preço que tem, com certeza vai ser um sucesso. Mas ainda não é o brinquedo que tio Jobs prometeu a todos quando assumiu sua não-presidência.
Aí entramos no terreno da especulação: o tal "Projeto Columbus". As descrições desse aparelho até agora lembram a piada dos três ceguinhos apalpando o elefante. Cada um diz que ele será uma coisa. Pode ser um eMate com tela de LCD colorido. Um set-top box que poderá rodar filmes e games DVD em sua TV e acessar a Internet. Um G3 monobloco de US$ 900, capaz de rodar qualquer programa do Mac OS. Um Network Computer com modem de 56 k baseado na combinação Rhapsody/Mac OS Light. Ou tudo isso junto. A única certeza que se tem sobre o tal Columbus é que, graças aos boatos sobre ele, as ações da Apple atingiram seu índice mais alto nos últimos três anos. O povo de Wall Street não resiste a um boato.
Quando perguntado na Seybold sobre tal projeto, Jobs respondeu: "É uma máquina antigravitacional, capaz de fazer 300 km com um litro de combustível." O produto provavelmente deve ser anunciado na MacWorld de Nova York, em julho.

O aspecto do novo Mac monobloco não consegue fugir do clichê "caixotão com furinhos", mas até que tenta

Outros produtos ansiosamente esperados são os novos PowerBooks G3. Aproveitando o vácuo deixado pela baixa receptividade que tiveram os laptops com Pentium II, a Apple pretende recuperar seu prestígio de outrora na área de portáteis com dois novos lançamentos: um PowerBook G3 com DVD, tela de matriz ativa e tudo a que tem direito, e um PowerBook low-end abaixo de US$ 2.000, para competir pau a pau com os Toshibinhas.

O futuro PowerBook promete, pela enésima vez, deixar a Apple na dianteira dos laptops

Mac OS vive!

Novos sistemas vêm por aí

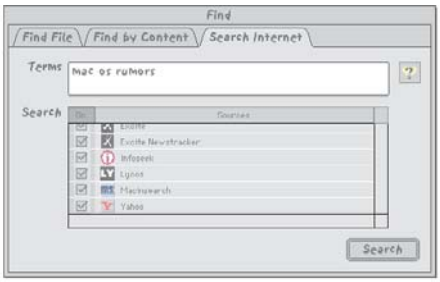
Quando este artigo estava sendo escrito, já rolava pela Internet o primeiro alfa do Allegro, a nova versão do Mac OS (provavelmente Mac OS 8.5) a ser lançada em meados do ano. Pelos comentários, a Apple tem nas mãos um sistema com chances de igualar ou até mesmo superar as vendas do Mac OS 8. Algumas novidades:

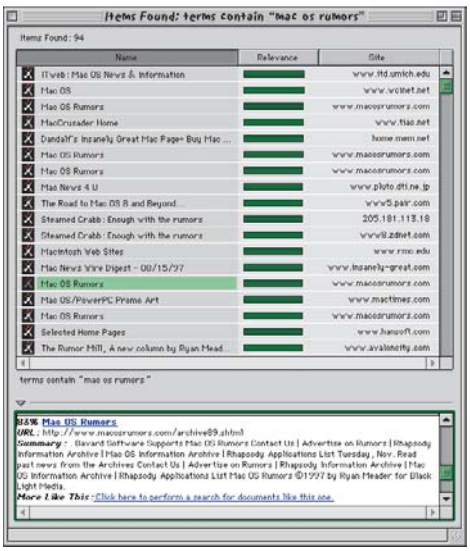
• **Velocidade.** Para começar, o Allegro será totalmente nativo para o PowerPC. Testes preliminares com a versão alfa mostraram que ele é 50% mais rápido em cópia de arquivos que o Mac OS 8. A versão final pode ser ainda mais rápida.

• **Temas.** Finalmente, depois de anos e anos de promessas, a interface customizável do extinto Copland vira realidade. Cada Mac vai poder ter menus, fontes, janelas e ícones customizáveis, com a cara de seu dono. Sons estéreo podem ser atribuídos a cada função do sistema; ao arrastar uma janela você "ouve" seu deslocamento. O povo que faz o Kaleidoscope já está preparando uma nova versão de seu programa, capaz de zoar ainda mais com a interface do sistema, fazendo, por exemplo, janelas que quebram os limites retangulares. A gente sabe que isso é perfumaria, mas e daí? É legal! Um refresco para quem tem que olhar para a mesma tela todo dia.

• **Memória protegida.** Não, o Allegro ainda não terá memória protegida nem multitarefa preemptiva, mas ninguém vai perceber. O novo gerenciamento de memória lançado no Mac OS 8.1 será revisto e melhorado.

• **Etc.** Fora isso, ainda teremos algumas frescuras, como suavização de fontes na tela, semelhante à atualmente oferecida pelo Adobe Type Manager 4, e janelas que se abrem com zoom vivo e não apenas a silhueta como é hoje.





O futuro Find pode procurar coisas na Internet diretamente, sem ter que abrir um browser

Sonata

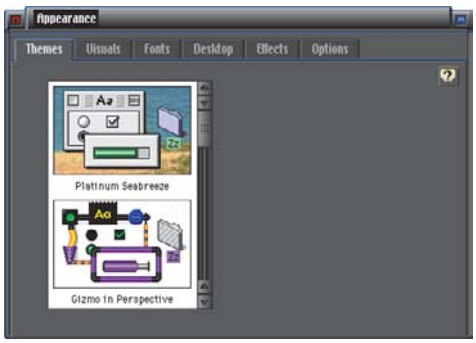
Depois do Allegro, em meados de 99, virá o Sonata, este sim digno de receber o título de Mac OS 9. O Sonata não vai ser nada mais que a Blue Box do Rhapsody rodando sozinha sobre um microkernel Unix. Ou seja, aquele Mac OS velho e datado que impedia que os programas tirassem todo o proveito do chip PowerPC vai finalmente ter todas as funções de um sistema operacional moderno, além de usar o mesmo código de seu irmão maior, o Rhapsody.

Rhapsody

Em maio ou junho deverá estar sendo lançada a primeira versão comercial do Rhapsody. Ainda não há um nome oficial para o novo sistema da Apple, mas sugestões são o que não faltam: Unity, Eden, Mac OS Enterprise, Mac OS Pro, Requiem, Prodigy, NeXTasy … Uma lista sem fim.

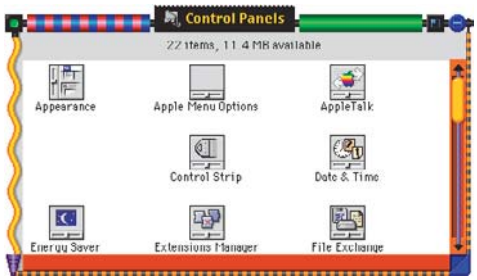
As últimas notícias que temos do Rhapsody é que ele já tem suporte ao QuickTime Media Layer, ao HFS+ e ao Web Objects.

A WWDC (World Wide Developers Conference), a ser realizada em maio, foi o local escolhido por Jobs para divulgar definitivamente qual será o papel do Rhapsody dentro da estratégia da Apple. O que se sabe até agora é que a idéia é atacar o mercado de servidores, tanto na Internet quanto em redes corporativas. Mas como ganhar espaço em um mercado já quase dominado pelo Windows NT? A resposta da Apple é: convergência.



Depois de enorme atraso, será finalmente possível mudar o visual de todo o sistema com "temas", que correspondem a um Kaleidoscope com esteróides

Outra vez entramos no terreno da pura especulação. Pouco tem se falado sobre a provável fusão do Mac OS com o Rhapsody, mas parece que o objetivo da Apple é ter um sistema operacional escalável, com a mesma interface do Mac OS e agregada de funções específicas para cada tipo de uso. Você teria um Mac OS servidor (Rhapsody), um Mac OS cliente (Sonata) rodando em Macs de mesa e PowerBooks e um Mac OS light, que funcionaria em PDAs e em NCs. Como se pode ver, é possível falar tudo da Apple, menos que ela não está buscando novos caminhos para recuperar sua pole-position no campo das inovações tecnológicas. Há dois anos, Nicholas Negroponte, o guru do MIT, dizia a esta revista que havia perdido a confiança na Apple porque ela havia parado de correr riscos. Hoje, de volta às mãos de seu criador, ela vem correndo mais riscos do que nunca. M



Além dos três temas que vêm com o sistema, o usuário poderá criar outros, ajustando separadamente cada mínimo parâmetro

HEINAR MARACY
É editor da MACMANIA e um eterno otimista.
Colaboraram: Roberto Sanefuji (enviado à Seybold New York), Carlos Freitas (enviado à NAB Las Vegas) e Cristiane Mendonça.